

## Mutirão e autoconstrução na habitação popular brasileira

Vinicius Monção

Palavras-chave: Autoconstrução; Autogestão; Habitação; Popular; Cooperativa.

Como se produz o espaço urbano? O cenário se repete na maioria das cidades brasileiras e da América Latina, sendo ainda mais evidente nas metrópoles, nas áreas periféricas acumulam-se em grande densidade, milhares de pessoas vivendo em espaços improvisados, muita das vezes insalubres e em áreas de risco, uma verdadeira materialização da desigualdade na estrutura fundiária e socioeconômica das sociedades latinoamericanas.

As dinâmicas de produção do espaço urbano são regidas por interesses coletivos e individuais, em uma relação confusa onde o que se observa majoritariamente são os interesses individuais prevalecendo sobre os coletivos.

Segundo uma visão crítica da globalidade essa relação constitui-se de uma dialética entre o próximo e o distante, onde a ordem próxima são as relações cotidianas, e a ordem distante se traduz na permeabilidade da lógica do grande capital na produção da cidade. A forma como se dá a ocupação do espaço urbano evidencia como se espacializa a mercantilização do solo.

Algumas formas de produção da cidade mostram-se como verdadeiras fissuras nesse sistema, como é o caso das edificações nas populares, onde se recorre a autoconstrução por meio de mutirões. Isso se dá pela relação entre valor de uso e de troca, compreendida nas construções das classes de menor renda. O que motiva a autoconstrução é a necessidade, o empreendimento se realiza pelo valor de uso e não de troca, fugindo a lógica do mercado imobiliário.

A partir do processo de redemocratização, movimentos sociais tiveram grande importância na luta pelo direito a habitação e a cidade, em busca de proporcionar modos de vida com maior integração social, passaram a lutar pela institucionalização de programas habitacionais que estimulassem a construção autogerida.

Apesar de haver alguns programas habitacionais como o programa Minha Casa Minha Vida, as políticas públicas nunca chegaram perto de acabar com o problema da habitação no Brasil, algumas inclusive reproduzem um modelo excludente, e favorecem construtoras e empreendimentos imobiliários.

Dentro desse cenário cabe aos arquitetos refletir sobre sua função social, assim como propuseram alguns arquitetos modernos como Artigas e Sérgio Ferro, que tinham como ideal produzir uma arquitetura justa, onde não houvesse alienação do trabalho em seu processo de produção. A construção por meio de mutirão tem se mostrado uma boa alternativa nas habitações de interesse social, pois a participação coletiva dos futuros usuários contribui para projetos mais adequados às suas necessidades além de criar relações amigáveis entre mutirantes.